

Linchamento Moral

José Padilha

Folha de S.Paulo, 10.3.2020

No dia 13 de abril de 1964, Malcolm X iniciou sua jornada espiritual ao Oriente Médio. Na Arábia Saudita, presenciou a confluência de pessoas de várias raças no entorno de Meca. Voltou mudado aos Estados Unidos. Anunciou que seu inimigo não era o homem branco, era o ódio.

Malcolm X dormia com sua mulher e seus filhos quando duas bombas incendiárias foram lançadas dentro de sua casa. Acordou em meio à fumaça, correu, ajudou a mulher a resgatar duas filhas e um bebê. Conseguiu escapar. Uma semana depois, levou um tiro de 12 no peito. Seus assassinos, também negros, provaram sua tese: o inimigo não era o homem branco, o inimigo era o ódio.

Conheci Marielle Franco no mesmo dia em que conheci Marcelo Freixo. Foi no Cine Odeon, em um debate ancorado na projeção de "Ônibus 174", meu primeiro filme. Participamos de outros debates. Tenho alguns deles filmados. Freixo e Marielle nunca me chamaram de fascista. Pelo contrário, me ajudaram na pesquisa e na pré-produção do "Tropa 2".

Saí do país alguns meses depois, porque fui vítima de uma tentativa de sequestro por parte de policiais milicianos. Mesmo morando fora, Antonia Pellegrino me procurou. Queria ajudar as pessoas mais próximas a Marielle e Anderson. Queria fazer uma série de TV. Queria levar o nome de Marielle aos quatro cantos da Terra. Julgava que, com meu nome no projeto, a série teria mais chances de obter distribuição internacional. E a família teria mais recursos. Aceitei na hora. Negocie por meses. Estava fechando um acordo internacional quando a Globoplay se interessou pelo projeto.

Não é difícil perceber por que a Globoplay é o melhor parceiro. No Brasil, a Globo tem alcance infinitamente maior do que qualquer estúdio estrangeiro. Tem ótimo elenco de atores negros. Tem ótimos diretores negros. Tem ótimas escritoras negras. Tem ótima equipe técnica negra. Sim, pensamos em tudo isso. Vocês não me conhecem, mas conhecem a Antonia. Além disso, uma série na Globo pressionaria as autoridades a encontrar e a punir quem matou Marielle.

Cheguei ao Brasil para assinar contrato. O meu trabalho seria ajudar na montagem do "writers room", escrever um roteiro em parceria com a Antonia e dirigir o primeiro de, no mínimo, oito episódios. Além disso, queria ajudar Antonia, a Globoplay e o Instituto Marielle Franco a treinar novos talentos, usando a série como uma espécie de escola.

Não consegui nem começar.

O que aconteceu no dia seguinte ao da assinatura do contrato foi estarrecedor. Além de acusarem Antonia de racismo —apesar de a Antonia estar trabalhando com afincamento para montar uma equipe representativa da comunidade negra no Brasil e no exterior— e de me tacharem de fascista (Marielle nunca me chamou de fascista), atacaram a legitimidade da família de Marielle, atacaram a Mônica e atacaram Marcelo Freixo.

Foi um linchamento moral sem direito a respostas ou tempo para explicações. Os linchadores reduziram tudo à cor da minha pele, como se eu fosse fazer o projeto sozinho, como se não fôssemos contar a história de Anderson, um homem branco, como

se não fôssemos montar uma equipe repleta de realizadores negros. Linchamentos sumários são compatíveis com os valores de Marielle?

Eu tenho um sonho. Eu sonho que meus filhos um dia viverão em uma nação em que as pessoas não serão julgadas pela cor de sua pele, mas pela natureza de seu caráter. Quem disse isso foi Martin Luther King. Sobre o meu caráter: nunca roubei ninguém, nunca cometi ato de racismo, nunca pressionei mulheres, nunca discriminei qualquer pessoa por sua orientação sexual. Na minha vida, só fui processado por policiais do Bope e por milicianos.

No entanto, me tornei fascista porque filmei "Tropa de Elite". Isso apesar de ter recebido o Urso de Ouro das mãos de Costa-Gavras, ícone do cinema de esquerda, e de tê-lo entregue ao Lula, que queria fazer uma foto com ele. Nenhum dos dois me chamou de fascista.

Fiz vários outros filmes, incluindo "Garapa", um documentário sobre a fome no Nordeste. Ajudo mensalmente as famílias filmadas faz 12 anos. O primeiro documentário que produzi foi sobre carvoeiros. Retratou trabalho insalubre, escravidão e trabalho infantil. Na época, depois de uma exibição do filme no Congresso, eu, Eduardo Suplicy e Luciana Genro invadimos a sala de Michel Temer para pressioná-lo a pôr em pauta uma emenda constitucional que tornaria a alimentação um direito fundamental de todos os brasileiros. Conseguimos.

Posso continuar listando inúmeros fatos dessa natureza, mas acho que, no fundo, vocês já conhecem a minha trajetória de cineasta. E acho que o maior problema de vocês comigo foi a minha crítica à corrupção sistêmica do PT e do PMDB. Embora eu também ache que vocês saibam que o petrolão, o mensalão e Belo Monte aconteceram de fato.

Talvez não saibam, entretanto, que não vivo sozinho. Tenho um filho e uma companheira. Será que estas pessoas estão sendo afetadas pelo linchamento em curso? O mesmo vale, evidentemente, para as pessoas próximas a Marielle, Antonia e Mônica.

O pensamento de Martin Luther King é incompatível com a limitação da liberdade de expressão, com o julgamento de pessoas com base na sua cor e na sua sexualidade. A política de identidade é fundamental, mas levada ao extremo fulmina gente como Malcolm X. (Não, não estou me comparando a Malcolm X.)

O inimigo, amigos, é o ódio.